



***Ad majorem Dei gloriam*¹: possibilidades de usos de documentos jesuíticos oiapoquenses para o ensino de História**

BRUNO RAFAEL MACHADO NASCIMENTO*

RESUMO: A comunicação pretende sugerir usos de fontes históricas escritas nas aulas de História e Estudos Amapaenses e Amazônicos. Tem-se observado que, por exemplo, nos manuais didáticos os documentos escritos são utilizados como mera ilustração. Prática semelhante é realizada em sala de aula quando educadores levam fontes somente para comprovar seus discursos sem nenhuma problematização. Os usos de fontes no ambiente escolar diferem do tratamento dado pelo historiador que atende demandas do campo acadêmico, por sua vez na escola a utilização desse recurso atende às finalidades educativas próprias. Propõem-se sugestões didáticas a partir das cartas dos jesuítas que viveram durante o século XVIII na região do Oiapoque, fronteira entre França (Guiana Francesa, departamento francês na América do sul) e Portugal. O uso deste material resulta na compreensão de que a aprendizagem e o conhecimento são frutos de um processo, ajuda na desconstrução de algumas imagens canonizadas sobre o passado amazônico, permite o diálogo dos alunos com realidades desconhecidas do passado, desenvolve o sentido de análise histórica, bem como, por meio do contato com o material ocorre a familiarização do aluno com formas de representações de realidades do passado e do presente.

Palavras-chave: Jesuítas. História. Ensino. Fontes. Amapá.

1 Considerações iniciais

Este texto objetiva apresentar sugestões metodológicas de trechos de cartas dos missionários jesuítas franceses que viveram na região do rio Oiapoque no século XVIII. Estas poderão ser utilizadas no componente curricular História e Estudos amapaenses e Amazônicos² da Educação Básica. Existe há vários anos a tendência no campo e na prática (nem tanto) do Ensino de História de inovações metodológicas para tornar as aulas mais significativas às experiências dos estudantes. As possibilidades de utilizações de documentos

¹ Para maior glória de Deus. Frase que se repete dezenas de vezes no livro Constituições, obra essa escrita por Inácio de Loyola e que estrutura toda a Companhia de Jesus. Virou quase um lema dos jesuítas.

*Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Especialista em Ensino de História e Geografia (UNINTER), Mestrando no Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA-UNIFAP). Bolsista CAPES.

² Disciplina instituída através da resolução do Conselho Estadual de Educação nº 56, de 25 de agosto de 2011. Essa disciplina compõe a parte diversificada do currículo escolar estadual e atende os estudantes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, ou seja, os anos finais. Segundo a resolução estão habilitados para atuar nessa disciplina os professores de História e Geografia.



históricos no ambiente escolar não são tão recentes. Outrora e ainda hoje os manuais didáticos trazem variedades de fontes. Contudo, a mudança deu-se ou pretende ser no olhar e na forma que se utiliza. Sob a influência positivista este material estava apenas para reforçar a fala do professor sem qualquer problematização. Não é o que se pretende neste artigo, pois a ideia de problematização norteará, principalmente, as sugestões metodológicas.

Ao contrário do que se imagina na escola também ocorre produção de conhecimento. Isso significa que a sala de aula deve-se tornar espaço de pesquisa em que o foco deixa de ser o educador como único detentor do conhecimento e valoriza-se a autonomia dos alunos na construção do conhecimento³. Um dos conceitos elementares que conduziram a reflexão foi o de saber histórico escolar. Para Ana Monteiro:

A história escolar é uma configuração própria da cultura escolar, oriunda de processos com dinâmica e expressões diferenciadas, mantendo na atualidade, relações e diálogos com o conhecimento histórico stricto sensu e com a história viva, o contexto das práticas e representações sociais. Fonte de saberes e legitimação o conhecimento histórico “acadêmico” permanece como a referência daquilo que é dito na escola, embora sua produção siga trajetórias bem específicas, com uma dinâmica que responde a interesses e demandas do campo científico e que são diferentes daquelas oriundas da escola, onde a dimensão educativa expressa as mediações com o contexto social.⁴

Como exposto, entende-se a história escolar não como vulgarizadora dos conhecimentos produzidos no mundo acadêmico, mas como um saber diferenciado que estabelece relações com a ciência de referência, neste caso, com a História. Diálogo esse que não significa total dependência, pois o saber escolar tem suas lógicas, intenções e objetivos que lhes são próprios. A escola produz um conhecimento peculiar que não pode ser considerado inferior em relação ao acadêmico. É nesse sentido que o uso ou usos de documentos históricos nas aulas torna-se fundamental para, de fato, educar os alunos na perspectiva do pensar historicamente. Segundo Ana Monteiro⁵, a visão que compreende o ensino escolar como lugar de aplicação dos métodos científicos para uma prática pedagógica eficiente vem sofrendo críticas. Corrobora-se com Ana Monteiro quando afirma que a elaboração do saber escolar estabelece relação com os saberes produzidos pela ciência de

³ KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: NIKITIUK, Sônia L. (org.). *Repensando o ensino de história*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 26 – 46.

⁴ MONTEIRO, Ana Maria F.C. *Professores de história: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 95.

⁵ MONTEIRO, Ana Maria. A história ensinada: algumas configurações do saber escolar. *História & Ensino*, Londrina, v. 9, p. 37-62, out. 2003.



referência, “mas também com outros saberes presentes e que circulam no contexto sócio-cultural de referência”.⁶A perspectiva adotada é de que o saber escolar não é autônomo e nem totalmente dependente em relação ao saber acadêmico. Isso é muito mais válido quando se trata do uso de fontes escritas na escola, pois se faz necessário que os professores de história saibam como os historiadores acadêmicos tratam as diversas fontes na produção do conhecimento histórico.

Dessa forma o artigo está estruturado da seguinte forma: primeiramente serão apresentados como alguns pesquisadores do campo do ensino da História oferecem sugestões metodológicas de como trabalhar documentos escritos para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem. Em seguida, a seção trará a presença jesuítica no Oiapoque, pois eram de lá que eles escreviam suas missivas. Por fim, apresentarão as sugestões metodológicas com a utilização de trechos de uma missiva jesuítica⁷.

2 Estou na sala de aula e agora? Como utilizar documentos históricos?

O trabalho com documentos históricos em sala de aula recebeu por parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) especial atenção. Utilizar essa metodologia exige do professor conhecimentos de abordagens e tratamentos dados às fontes por historiadores. Fundamentado nesse saber ele deve criar situações de aprendizagens em sala de aula, contudo a ideia não é formar pequenos historiadores, mas criar situações didáticas que favoreçam os estudantes a questionar os vestígios deixados pelos homens ao longo do tempo.⁸ Algumas precauções devem ser tomadas pelos professores ao utilizar documentos para a produção de conhecimento histórico escolar. Por exemplo, se eles estão de acordo com a faixa etária da turma, se são motivadores do tema em estudo. Selva Guimarães⁹ afirma que os documentos não podem ser usados tão somente como complemento ou como mera ilustração, mas ela indica o caminho da problematização para produção de saber, pois se rompe a lógica de que o conhecimento está pronto e acabado. Essa perspectiva dialógica é fundamental na

⁶ Ibidem, 2003, p. 11.

⁷ Devido os propósitos do artigo se utilizará somente trecho de uma carta. Para o ano de 2018 as cartas serão traduzidas e disponibilizadas em forma de catálogo acompanhadas de sugestões didáticas. Ressalto que isso será o trabalho de conclusão do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA-UNIFAP) sob a orientação do professor Doutor Giovani José da Silva.

⁸ . BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: História*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

⁹ GUIMARÃES, Selva. *Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados*. 13. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Papirus, 2012.



constituição do processo de ensino-aprendizagem do espírito crítico e autônomo dos alunos. Dessa forma, a pesquisa e o debate são inseridos nas salas de aula.

Pereira Neto analisa a famosa carta de Caminha e sugere alguns passos: 1º identificar o emissor e o receptor que o documento se refere. “Ou seja, cabe identificar as condições de produção do documento.”¹⁰ Cabe ao professor levar os alunos à reflexão por meio de questionamentos. Quem escreveu? Para quem escreveu? Por que escreveu? Será que falou somente a verdade? Qual a sua intenção? O 2º passo é a relação entre conteúdo disciplinar e o documento. Neste ponto, ele propõe a contextualização, pois todo “documento histórico, guarda íntima e direta relação com o contexto histórico em que o produziu.”¹¹ Aqui os alunos podem identificar traços nos documentos que indiquem uma determinada época. O 3º ponto é a transferência no tempo e no espaço. Ele chama atenção para o risco do anacronismo. Faz-se necessário analisar os documentos como filhos do seu próprio tempo. O 4º item é observar o homem concreto. “O professor deve selecionar um documento em que a narrativa seja repleta de detalhes que permitam ao estudante apreender a atmosfera da época em que aquele acontecimento foi produzido.”¹² Por fim, o 5º ponto é estimular a pesquisa. De acordo com o documento escolhido, o professor deve propor pesquisas para o aprofundamento sobre determinadas temáticas.

O educador pode anteriormente realizar uma explanação motivadora sobre a importância da análise do material para provocar os alunos. Segundo Circe Bittencourt, “a má seleção deles compromete os objetivos iniciais propostos no plano de aula, ao passo que sua complexidade e extensão podem criar uma rejeição pelo tema ou pelo próprio tipo de material.”¹³ Circe Bittencourt¹⁴ sugere alguns caminhos para análise das fontes escritas na sala de aula. Primeiramente deve-se descrever o documento, ou seja, indicar as informações que ele contém. Depois, mobilizar os saberes e conhecimentos prévios dos educandos. A partir disso, pode-se identificar a natureza do documento e explorar as características que lhes são próprias, dessa forma, faz-se necessária a contextualização para a melhor compreensão possível e associar as informações contidas na fonte aos saberes anteriores. Só a partir destes

¹⁰ PEREIRA NETO, A. O uso de documentos escritos no ensino de história. Premissas e bases para uma didática construtivista. *História & Ensino*, Londrina, v.7, p. 143-165, out. 2001. p. 155.

¹¹ Ibidem, p. 156.

¹² Ibidem, p. 160.

¹³ BITTENCOURT, Circe Maria F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 330-331.

¹⁴ Ibidem.



procedimentos anteriores que se pode criticar o documento, ou seja, identificar seus limites e interesses.

A aula de História deve ser um espaço de compartilhamento de experiências e saberes individuais e coletivos. Cabe ao professor oferecer essa possibilidade aos alunos. Mas, para isso deve estar preparado, inclusive, atento para a produção historiográfica. Para isso é mister que esse profissional tome conhecimento da importância da consciência histórica. Consciência essa que não é meramente a operação cognitiva do conhecimento do passado. “A consciência histórica dá estrutura ao conhecimento histórico como um meio de entender o tempo presente e antecipar o futuro”.¹⁵ Assim, ela caracteriza-se por uma relação complexa entre a apreensão do passado por uma necessidade de compreender o presente e de alguma forma projetar o futuro possível.

Portanto, como exposto os possíveis usos de fontes históricas nas salas de aula não são apenas formas “diferentes” de ensino e aprendizagem, mas também e principalmente oferecer aos educandos a possibilidade de construir conhecimento, bem como, a compreensão de que a História não está pronta e acabada. É uma forma de aproximar de realidades pretéritas desconhecidas para que com a mediação do professor possam relacionar o presente, passado e futuro. Na próxima seção será apresentada a presença dos filhos de Loyola no Oiapoque durante a primeira metade do século XVIII para que o leitor se situe nas experiências históricas entre missionários e indígenas.

3 A Companhia de Jesus¹⁶ na região do Oiapoque

As missões jesuíticas ficavam na fronteira entre territórios da França e Portugal, espaço que foi se estabelecendo ao longo de mais de dois séculos de conflitos e tratados entre as duas nações. Os religiosos chegaram à atual Guiana francesa em 1651, portanto tardiamente se comparado com outras missões nas Américas. Instalaram-se com relativo

¹⁵ RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (orgs.). *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Tradução de Marcos Kusnick, Johnny Rosa, Ana Urban, Marcelo Fronza, Edilson Chaves e Estevão Martins. Curitiba: UFPR, 2011. p. 36.

¹⁶ Fundada por Inácio de Loyola, que teve a sua aprovação oficial pela Igreja Católica em 1540 através da bula *Regimini Militantis Ecclesiae* do papa Paulo III. A referida ordem surgiu no contexto de reformas religiosas, no século XVI, em que a unidade cristã foi rompida e surgiram as igrejas protestantes sob a égide de Martinho Lutero e outros reformadores. Logo, os jesuítas, como ficaram conhecidos os membros da ordem, espalharam-se por várias partes do mundo. Eles foram importantes nos processos de colonização nas Américas. Foi uma instituição plural, ou seja, as formas de ação variavam de lugar para lugar.



sucesso devido às experiências dos seus companheiros em outros locais onde já estavam fixados há mais tempo, como no Canadá.¹⁷

Percebe-se que os indígenas criaram diferentes estratégias de resistência à ação dos “soldados de Cristo”. O contato com eles sem dúvida desagregou a organização econômica e cultural ameríndia, mas também os padres foram “convertidos” por eles, visto que, aprenderam a viver na floresta, ou seja, adotaram práticas indígenas. Ademais, dependiam deles para construção das igrejas, os guias eram indígenas, adotaram o costume de dormir em redes e usar as pequenas embarcações criadas pelos ameríndios. A principal queixa dos padres era a “inconstância” dos índios em perseverar nas práticas cristãs. Diante destas circunstâncias qual foi a estratégia adotada? A saída foi adotar o método de reduções ou aldeias adotado no “Paraguai” e no “Brasil”. Pelo princípio das reduções o projeto era agrupar os indígenas em torno da autoridade dos padres em um único lugar. Para conseguir recursos para o estabelecimento das missões na colônia francesa fez-se necessário requerer aos administradores, notadamente ao governador, recursos e terras. Pelo menos na primeira fase de evangelização os jesuítas contaram com o apoio financeiro da realeza. Além disso, o rei emitiu autorizações para os padres se estabelecerem livremente em qualquer lugar. Contudo, as reclamações pela falta de pagamentos foram constantes no período.¹⁸

Maria Celestino de Almeida¹⁹ chamou atenção de que nos aldeamentos na América portuguesa não somente ocorreram controle e exploração da mão de obra indígena, mas também esses lugares foram espaços indígenas em que eles tiveram papel ativo na reelaboração das suas identidades. Em algumas situações os próprios índios pediam para serem aldeados, pois visavam proteção e terra. Na Guiana francesa e, por conseguinte, no Oiapoque essa realidade foi muito mais intensa. Os índios eram livres e por isso o esforço dos jesuítas para convencê-los a viver nas aldeias foi muito mais intenso. Os inácianos tiveram que relativizar a sua doutrina e percepções. Em uma palavra fizeram concessões.

Segundo Florence Artigalas²⁰ a primeira redução na Guiana foi fundada em 1713-1714 pelo padre Lombard e recebeu o nome de Kourou. Inicialmente, o religioso teve dificuldades em convencer os indígenas a se reunirem no local. Devido à pouca presença francesa neste espaço não ocorreu um grande desenvolvimento comercial o que significa que não houve uma dependência econômica tão estreita por parte dos indígenas. Dessa forma, a cultura Galibi

¹⁷ ARTIGALAS, Florence. *Les jésuites au Nouveau Monde: les débuts de l'évangélisation de la Nouvelle-France et de la France équinoxiale, XVII^e-XVIII^e siècle*. Matoury: Ibis Rouge Éditions, 2013.

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

²⁰ ARTIGALAS, 2013.



esteve menos envolvida com os objetos de metal dos europeus e os missionários puderam “seduzi-los” com objetos de baixo valor. O principal grupo reduzido na missão foram os Galibi²¹ que habitavam o litoral guianense. Diante dessa realidade, as estratégias adotadas por Lombard para atrair os Galibi para Kourou limitavam-se a criar certas relações, aprender a língua e oferecer presentes. Contudo, os encontros com os indígenas nem sempre eram amistosos.²² Em carta dirigida ao seu irmão que fazia parte da alta hierarquia da ordem, o padre Lombard relata que para a referida missão não somente existiam indígenas da Guiana, mas grupos vindos do rio Amazonas, ou seja, de território português. Neste caso os Maraones e Aroas que fugiram das missões portuguesas e se colocaram sob a proteção dos padres franceses.²³ As causas eram o tratamento abusivo que os colonos lusos dispensavam aos indígenas, escravizando-os, mesmo os que eram protegidos por missionários. Assim, percebe-se o quanto os ameríndios foram capazes de fazer a leitura de que a realidade do “outro” lado era diferente. Isso prova que na fronteira as redes de relações de informações entre os grupos indígenas eram intensas. As relações familiares, comerciais e políticas estavam, portanto, além das fronteiras disputadas e impostas por outros agentes coloniais.

Ao longo do rio Oiapoque foram instaladas algumas missões pelos jesuítas franceses. Segundo a antropóloga Antonella M. I. Tassinari²⁴ essas reduções foram caracterizadas pela baixa densidade demográfica, bem diferente das instituídas no Paraguai e na América portuguesa. As dificuldades encontradas foram a diversidade linguística dos indígenas, empecilhos na comunicação e a mortandade provocada pelas doenças. O padre Fauque foi o missionário preparado e instruído pelo padre Lombard e que a partir de 1729 estabeleceu contatos com os indígenas, estimulando-os a viver em missões. Este padre foi tão valorizado que Lombard, em missiva de 1733 enviada ao procurador das missões na América, exaltou o fervor e a doação do jesuíta Fauque pela conversão dos “selvagens”.²⁵ O próprio Fauque, em carta ao superior datada de 1730, narra a viagem em 1729 ao longo do rio para fazer uma espécie de reconhecimento do local e de suas gentes. Ele descreve o encontro com os Caranes que, segundo ele, era um povo “violento” com os franceses e também com outros indígenas.

²¹ Etnônimo dado pelo colonizar aos grupos de família linguística caribe que atualmente se autodenominam de Kali'na

²² ARTIGALAS, 2013

²³ MONTEZON, Fortuné de. *Mission de Cayenne et de la Guyane française avec une carte Géographique*. Paris: Julien, Lanier, Cosnard et C^e, Éditeurs, 1857.

²⁴ TASSÍNARI, Antonella M. I. *No Bom da festa: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá*. São Paulo: EDUSP, 2003.

²⁵ AIMÉ-MARTIN, Louis (Ed.). *Lettres édifiantes et curieuses, concernant l'Asie, l'Afrique et l'Amérique, Avec quelques nouvelles des Missions et des notes géographiques et historiques*. 2 volumes. Paris: A. Desrez, 1839.



O padre foi bem acolhido e mais à frente encontrou com os Piriou que também o acolheu e o levou ao xamã que, o religioso percebeu, vivia com três mulheres.²⁶

Elzéar Fauque em carta de 20 de abril de 1738 endereçada ao padre de la Neuville, superior das missões das Américas, relatou as estratégias dos missionários em tentar convencer os indígenas a viver nas reduções: buscavam ganhar a confiança deles e para isso as atitudes eram de afabilidade; ofereciam presentes e depois aprendiam a língua de determinado povo. Na mesma carta o padre descreveu as vicissitudes enfrentadas, como por exemplo, doenças, falta de recursos e ausência de remédios, além de chamar os indígenas de “inconstantes”, “tolos”, “dissimulados” etc. Os termos citados pelo religioso revelam a dificuldade que se tinha em estabelecer e fazer com que os indígenas permanecessem nas missões do Oiapoque. Na carta, Fauque defende, ainda, que o missionário deve se tornar também um “selvagem” para conquistar os “selvagens”.²⁷

Antonella M. I. Tassinari²⁸ apresenta dados demográficos sobre duas missões. Em 1742 havia 400 pessoas relativamente dispersas em torno da missão de Saint-Paul. Em 1750 o governador D’Orvilles visitou-a e contabilizou 150 índios, sendo 49 homens, doentes e com dificuldade de plantar mandioca. Segundo carta do jesuíta Fauque, do ano de 1735 ao padre de la Neuville, essa missão iniciou com mais de 200 índios.²⁹ Em outra redução, Notre-Dame de Saint-Foi, o governador contabilizou 110 homens, 111 mulheres e 62 crianças. Em 1760, Kerkove, encontrou 22 homens Piriou sob o controle de três capitães em Saint-Paul e 70 homens em Saint-foi. De acordo com Tassinari, antes mesmo da expulsão dos jesuítas da colônia francesa, em 1763, as missões já estavam praticamente desaparecidas por conta do abandono dos indígenas.

Em relação à missão do rio Ouanari, criada pelo padre D’Ausilac em 1738, e localizada na embocadura do rio Oiapoque reuniram-se cerca de 150 indígenas de língua Karib. O padre Fauque relata, em carta de 27 de dezembro de 1744, que os ingleses descobriram essa missão quando um grupo de Arouas que vinham do território português foram encontrados e capturados. Na ocasião os índios informaram aos ingleses sobre a missão e a presença do forte no Oiapoque.³⁰ Segundo Régis Verwimp³¹ a região era extremamente

²⁶ Ibidem.

²⁷ Ibidem.

²⁸ TASSINARI, 2003.

²⁹ AIMÉ-MARTIN, 1839.

³⁰ AIMÉ-MARTIN, 1839.

³¹ VERWIMP, Régis. *Les jésuites en Guyane Française sous l’Ancien Régime (1498-1768)*. Matoury, Ibis Rouge Éditions, 2011.



pobre e por isso não atraía colonos para a fronteira. O que teria motivado a vinda dos jesuítas, especialmente Fauque, foi a “descoberta” de novos grupos. Destaca-se, inclusive, o interesse dos indígenas portugueses em fugir da escravidão e se “reduzirem” do lado francês. Padre Fauque, em carta ao padre de la Neuville de junho de 1735, relata um encontro com um grupo indígena que fugia dos portugueses.³² Além da pobreza, a falta de autoridade era marcante na região o que permitia aos colonos explorarem os indígenas sem serem incomodados. Na visão dos jesuítas, a única maneira de diminuir a violência contra os indígenas era a criação e a manutenção de missões.

Os indígenas eram agrupados, monitorados e protegidos para evitar serem roubados e explorados pelos colonos. Como em outras regiões das Américas os colonos não ficaram satisfeitos, pois perderam mão de obra para os religiosos.³³ E os índios? Viam no contato com os religiosos a oportunidade de adquirir materiais da cultura europeia, como por exemplo, ferro e machado. Além disso, de certa forma ficavam “protegidos” pelos jesuítas. Muitos viam nos padres uma espécie de xamã que através das suas orações e rituais poderiam afastar os malefícios e trazer a cura para os enfermos.³⁴ Portanto, os ameríndios souberam mesmo diante da violência do contato ressignificar os seus modos de vida e buscar materializar os seus interesses.

Segundo o relato do padre Fauque, contido em carta de dezembro de 1744, em que narra a tomada do forte³⁵ do Oiapoque por um corsário inglês, o projeto era criar cinco missões na região.³⁶ Segundo Verwimp³⁷, a primeira foi a do rio Ouanari situada próxima ao forte e reuniria os povos Tocoyennes, Marones e Maourious. A segunda, em torno do Curipi (região do atual estado do Amapá), reuniria Palikours, Mayets e Caranarioux. A área, inundável, forçava-os irem para a nascente do rio e eram povos pouco conhecidos dos colonos franceses. Segundo Fauque, em carta ao padre de la Neuville de 15 de janeiro de 1729, aqueles indígenas apresentavam a “vantagem” de não praticar a poligamia.³⁸ A terceira missão seria na foz do rio Camopi, com as etnias Caranes, Acoquas e Pirious. A quarta estaria

³² AIMÉ-MARTIN, 1839.

³³ VERWIMP, 2011.

³⁴ COLLOMB, Gérard. Missionnaires ou chamanes? Malentendus et traduction culturelle dans les missions jésuites en Guyane. In: BACOT, Jean-Pierre; ZONZON, Jacqueline (dir.). *Guyane: Histoire & Mémoire. La Guyane au temps de l'esclavage, discours, pratiques et représentations*. Matoury (Guyane): Ibis Rouge Editions, 2011. p. 435-455.

³⁵ Forte São Luís construído a margem esquerda do rio Oiapoque a pedido do governador de Caiena D'Orvilliers em julho de 1726. Este foi erguido para evitar as incursões dos portugueses, ou seja resguardar os interesses franceses.

³⁶ AIMÉ-MARTIN, 1839.

³⁷ VERWIMP, 2011.

³⁸ AIMÉ-MARTIN, 1839.



a cinco ou seis dias do forte e agruparia as etnias Pirious, Macapas, Ouayes e Taripis. A quinta e última, a sete dias do forte, na enseada Palanques, se comporia “*de Palanques, d’Ouens, de Taripis, de Pirious, de Coussanis et de Macouanis*”.³⁹

A missão de Saint-Paul, fundada entre 1731 e 1733, mudou-se três ou quatro vezes de lugar, mas sempre próximo ao rio. Na carta de Fauque de 1738 é narrada a ida, juntamente com o padre Besson, em 1737, ao alto Oiapoque e ao Camopi para reencontrar as populações indígenas do interior para se estabelecer um aldeamento. O jesuíta descreve a exuberância e as dificuldades impostas pela natureza, sobretudo, em relação à navegação. Observa, porém, que seria um local propício para colonização e sugere a vinda de famílias pobres da Europa para trabalhar na região. Na viagem os jesuítas fizeram contatos amigáveis com os Ouens, oferecendo-lhes presentes que foram bem aceitos.⁴⁰

Em carta de 1735 o padre Fauque afirmava que esperava a chegada do padre d’Auzillac para entrar em contato com o grupo Palikur e criar uma missão entre os indígenas que, segundo ele, era o mais numeroso da região.⁴¹ Fauque enviou o padre d’Auzillac para evangelizar e constituir essa missão na foz do rio Oiapoque, recebendo o título de São José do Ouanari, fundada em 1737 no alto do rio Ouanari e a quatro léguas do forte, por terra. A partir de 1738 o padre d’Auzillac encontraria dificuldades para reunir os Tikuyus, Maraones e Maourious na missão. Por volta de 1740 não se encontram mais informações específicas, sabendo-se apenas que em 1742 o padre d’Auzillac continuava atuando nela.

Em 1740 a casa dos missionários foi construída na junção dos rios Oiapoque e Camopi. Dois anos mais tarde a aldeia era dirigida pelo padre D’Huberland e consagrada a “*Bienheureuse Marie du Bon Secours*”. Eram cerca de 400 índios que não foram batizados, pois haviam chegado ao local recentemente. Em 1743 um novo grupo Aramakoto foi agregado aos Ouayes, Coussaris e Kaïkushiana.⁴² O jesuíta D’Huberland foi substituído pelo padre Besson no comando da missão na Guiana Francesa e sob a administração deste último a missão do Camopi foi consagrada à Nossa Senhora de Santa Fé. A missão, contudo, foi aos poucos perdendo indígenas, sobretudo por causa de doenças e da ação exploradora dos padres da Companhia de Jesus. Em 1744, com a pilhagem do forte e da missão do Oiapoque pelo corsário inglês Siméon Potter, a missão do Ouanari foi devastada. Uma parte dos indígenas fugiu e outra foi escravizada pelos ingleses.

³⁹ VERWIMP, 2011, p. 279, grifos do autor.

⁴⁰ AIMÉ-MARTIN, 1839.

⁴¹ Ibidem.

⁴² VERWIMP, 2011.



4 Sugestão didática

Cabe ressaltar que é apenas uma sugestão, pois o professor poderá utilizar no seu fazer pedagógico de acordo com os objetivos das suas aulas. O trecho selecionado foi da carta escrita pelo missionário Fauque ao seu superior, padre de la Neuville, do Oiapoque em 20 de abril de 1738. A carta está no livro editado por Aimé-Martin, *Lettres édifiantes et curieuses, concernant l'Asie, l'Afrique et l'Amérique, Avec quelques nouvelles des Missions et des notes géographiques et historiques*. Essa atividade visa proporcionar e principalmente estimular alternativas outras para aulas. O seu objetivo principal é refletir sobre a presença jesuítica e indígena no Oiapoque durante o século XVIII. Ademais, procura-se proporcionar aos estudantes o desenvolvimento de habilidades e competências que visem a compreensão da relação passado e presente, sobretudo, em relação aos ameríndios e outras como, por exemplo, a leitura e interpretação textual. Segue a sugestão que pode ser realizada em duplas:

Essa ideia, como o senhor sabe, reverendo, não é nada menos que a verdade. Ser missionário entre os selvagens, é reunir mais do que é possível, para formar uma espécie de aldeia, afim de se fixar em um lugar, podemos pouco a pouco formar os deveres do homem razoável e as virtudes do homem cristão. Assim, quando um missionário tenta estabelecer um povoado, ele se informa primeiro onde está o líder da nação; ele vai até lá e se esforça para ganhar a afeição dos selvagens com maneiras afáveis e insinuantes; ele deverá juntar alguns presentes e lembranças que eles estimam; ele aprende a língua se ainda não sabe, e depois de ter preparado o batismo com as frequentes instruções, ele lhes confere esse sacramento de nossa regeneração espiritual.

[...] Eu parti dia 3 de novembro do ano passado para participar da missão de São Paulo, onde eu deveria me unir ao padre Bessou. Fiquei agradavelmente surpreso em encontrar essa vila com mais pessoas do que da última vez que eu vim: além de várias famílias de Pirious, de Palanques e de Macapas, que voltaram de novo, o povoado do Caranes está todo estabelecido e fez lindos ornamentos, já que, de todos esses povoados bárbaros, é com essa que encontramos mais disposição em virtude.

[...] Após ter ficado três dias na missão de São Paulo, nós voltamos à rota, o padre Bessou e eu, cada um em sua canoa. Desde a primeira viagem eu encontrei um famoso curandeiro, chamado Canori, que tem enorme credibilidade entre os selvagens, e teve a audácia, na ausência do padre Dayma, de vir à missão de São Paulo e de fazer suas magias em torno da casa que ele construiu para morar. Tentei saber quais haviam sido suas intenções, mas foi em vão: nunca se tira a verdade desse tipo de pessoas acostumadas a entregar traição e mentira. Assim, tomando o tom convincente, disse diante de seus olhos a postura que ele estava tomando para abusar da simplicidade de um povo crédulo, ameaçando-o de nunca mais se aproximar do povoado de São Paulo, pois receberia o castigo a altura de suas malandragens.

O que dá credibilidade a esses curandeiros, é o talento que eles têm de persuadir os índios, principalmente quando eles os veem atacados de alguma doença, onde eles são os favoritos de um espírito muito acima daquilo que



atormenta os doentes; e eles vão subir ao céu para chamar esse espírito benevolente, afim de que ele cace o espírito maligno, o único autor dos maus que ele sofre; mas antes de tudo, eles precisam pagar adiantado e muito caro sua viagem. Dessa forma, caso o doente morra em suas mãos já tem o pagamento garantido⁴³.

- a) O que você sabe sobre os jesuítas? E sobre os indígenas?
- b) Como o padre chama os índios? Por que ele chama dessa forma? Esse estereótipo ainda está presente na sociedade atual?
- c) Qual o “método” para tentar catequizar os indígenas sugerido pelo padre? Quais as formas atuais de desrespeito com as culturas indígenas?
- d) Quais os povos indígenas citados na carta? Eles ainda existem? Qual? O que fez com que muitos deixassem de existir?
- e) Quem o missionário chama de curandeiro? Ele respeitou a prática cultural indígena? Justifique sua resposta utilizando trechos da carta.
- f) Será que os ameríndios aceitavam de forma passiva a catequese cristã? Justifique sua resposta.
- g) Será que todas as informações da carta são “verdadeiras”? Quais as possíveis intenções de Fauque ao escrevê-la?

12

4.1 Texto de apoio

Os jesuítas escreviam para comunicar sobre suas atividades, pedir ajuda (inclusive financeira) e buscar orientação dos seus superiores. Em muitos desses relatos é possível perceber as estratégias e ações dos indígenas. Essas comunicações eram publicadas na Europa para exaltar a imagem dos jesuítas e ganhar apoio financeiro. Por isso existiam regras próprias de como escrever. Além disso, as cartas tinham um sentido espiritual para aquele que escrevia e para o leitor. Essas missivas eram lidas nos colégios jesuíticos para que os futuros missionários reanimassem o seu ardor pela evangelização.⁴⁴ As coleções de cartas edificantes começaram a ser publicadas na França no século XVIII com o intuito de melhorar a imagem

⁴³ AIMÉ-MARTIN, 1839. Tradução nossa.

⁴⁴ Para aprofundamento sobre a escrita jesuítica pode-se consultar: CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil 1580-1620*. Tradução de Ilka Stern Cohen. Bauru, SP: Edusc, 2006; EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000 e LONDOÑO, Fernando Torres. *Escrevendo cartas. Jesuítas, escrita e missão no século XVI*. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 43, p. 11-32. 2002.



da Companhia de Jesus junto ao público culto e intelectual. Mas, isso não significa que não seja possível captar informações etnográficas sobre os povos indígenas a partir das análises dos relatos dos missionários.⁴⁵ Indica-se para subsidiar a leitura das cartas o texto de Maria Regina Celestino de Almeida⁴⁶ em que ela propõe a leitura histórico-antropológica, ou seja, nas entrelinhas para poder captar as experiências indígenas.

Em relação às missões francesas no Oiapoque são poucas as fontes e as correspondências dos padres valorizam as ações dos religiosos, mas há a possibilidade mesmo de indiretamente de “entrar” universo dos indígenas que estiveram envolvidos nos aldeamentos. O principal missionário nessas terras foi o padre Fauque. Esse missionário nasceu em 26 de novembro de 1694 na diocese de Carpentras e entrou como noviço na casa dos jesuítas em 1714 na cidade de Avignon. Enviado à *Guyane* em 1727 inicialmente ficou em Kourou onde foi ensinado por padre Lombard e a partir de 1729 foi enviado para o Oiapoque com o intuito de fundar missões.⁴⁷

Os padres visavam converter os líderes, pois a possibilidade deles convencerem suas aldeias à morarem nas missões aumentava. Esses líderes foram fundamentais para a efetivação do processo de colonização, pois muitos deles acabavam convencendo suas aldeias a irem viver nos aldeamentos jesuítas. Em relação aos xamãs (pajes) em distintas regiões a prática foi semelhante, ou seja, os inacianos buscaram combatê-los. Ao perceberem a importância dos xamãs nas culturas ameríndias os religiosos católicos procuravam desmoralizá-los para substituí-los numa espécie de “batalha espiritual”. Essa luta não foi uma tarefa fácil, pois os pajés acusavam os padres de que os seus batismos matavam os indígenas.⁴⁸ Acredita-se que esse indivíduo canalizava as resistências na dimensão espiritual. Nas missões da Guiana Francesa também não foi diferente. Os índios não viam os jesuítas como sacerdotes, pois essa categoria não fazia sentido para eles. Possivelmente associavam os padres aos xamãs (os *piaye*). Nas culturas indígenas os xamãs são considerados intermediários entre o mundo espiritual e material.⁴⁹

⁴⁵ CARVALHO JÚNIOR, Almir Diniz de. *Índios cristãos: poder, magia e religião na Amazônia colonial*. Curitiba: CRV, 2017.

⁴⁶ ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. História e antropologia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 151-168.

⁴⁷ VERWIMP, Régis. *Un célèbre inconnu: le père Fauque, fondateur des missions oyapokoises (Guyane française)- XVIII^e siècle*, 2012. Disponível em: <<http://cths.fr/ed/edition.php?id=5852>>. Acesso em: 10 de jan. 2017.

⁴⁸ MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes na origem de São Paulo*. 2. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁴⁹ COLLOMB, 2011.



5 Considerações finais

Os desafios e as possibilidades dos usos de documentos jesuíticos no ensino de História são bastante animadores. Primeiro, pela necessidade de se trabalhar a temática indígena na escola, pois a lei nº 11.645/08 exige isso dos professores.⁵⁰ Segundo, as narrativas dos missionários trazem a tona realidades pretéritas desconhecidas pela maior parte dos alunos. Terceiro, o contato com as fontes podem tornas aulas mais dinâmicas. É fundamental que os educadores compreendam que ao utilizar as cartas não se deseja tonar os estudantes pequenos historiadores. Outro ponto importante é a compreensão que o conhecimento histórico escolar é diferente do saber acadêmico.

A sugestão aqui apresentada pretende chamar a atenção para a necessidade de conhecer o passado dos povos indígenas da região de fronteira. Esse conhecimento pode ajudar a questionar certos estereótipos construídos e disseminados sobre os ameríndios, tais como: “preguiçosos” e “inconstantes”. É uma ótima oportunidade para debater a importância da diversidade étnica. Tema tão importante para a sociedade. Espera-se despertar os educadores e futuros profissionais do magistério para importância dos usos dessas documentações na compreensão do passado e presente e para o desenvolvimento da consciência histórica.

14

Referências

AIMÉ-MARTIN, Louis (Ed.). *Lettres édifiantes et curieuses, concernant l'Asie, l'Afrique et l'Amerique, Avec quelques nouvelles des Missions et des notes géographiques et historiques*. 2 volumes. Paris: A. Desrez, 1839.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

_____. História e antropologia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 151-168.

ARTIGALAS, Florence. *Les jésuites au Nouveau Monde: les débuts de l'évangélisation de la Nouvelle-France et de la France équinoxiale, XVII^e-XVIII^e siècle*. Matoury: Ibis Rouge Éditions, 2013.

BITTENCOURT, Circe Maria F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

⁵⁰ Para um maior aprofundamento sobre o ensino de História indígena na escola sugiro a leitura do livro: WITTMANN, Luisa Tombini (org.). *Ensino (d)e História indígena*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.



BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: História*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO JÚNIOR, Almir Diniz de. *Índios cristãos: poder, magia e religião na Amazônia colonial*. Curitiba: CRV, 2017.

CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil 1580-1620*. Tradução de Ilka Stern Cohen. Bauru, SP: Edusc, 2006

COLLOMB, Gérard. Missionnaires ou chamanes? Malentendus et traduction culturelle dans les missions jésuites en Guyane. In: BACOT, Jean-Pierre; ZONZON, Jacqueline (dir.). *Guyane: Histoire & Mémoire*. La Guyane au temps de l'esclavage, discours, pratiques et représentations. Matoury (Guyane): Ibis Rouge Editions, 2011. p. 435-455.

EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

GUIMARÃES, Selva. *Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados*. 13. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Papirus, 2012.

KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: NIKITIUK, Sônia L. (org.). *Repensando o ensino de história*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 26 – 46.

LONDOÑO, Fernando Torres. Escrevendo cartas. Jesuítas, escrita e missão no século XVI. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 43, p. 11-32. 2002.

MONTEIRO, Ana Maria F.C. *Professores de história: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 95.

_____. A história ensinada: algumas configurações do saber escolar. *História & Ensino*, Londrina, v. 9, p. 37-62, out. 2003.

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes na origem de São Paulo*. 2. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MONTEZON, Fortuné de. *Mission de Cayenne et de la Guyane française avec une carte Géographique*. Paris: Julien, Lanier, Cosnard et C^e, Éditeurs, 1857.

PEREIRA NETO, A. O uso de documentos escritos no ensino de história. Premissas e bases para uma didática construtivista. *História & Ensino*, Londrina, v.7, p. 143-165, out. 2001. p. 155.

RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (orgs.). *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Tradução de Marcos Kusnick, Johnny Rosa, Ana Urban, Marcelo Fronza, Edilson Chaves e Estevão Martins. Curitiba: UFPR, 2011. p. 36.



TASSÍNARI, Antonella M. I. *No Bom da festa: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá*. São Paulo: EDUSP, 2003.

VERWIMP, Régis. *Les jésuites en Guyane Française sous l'Ancien Régime (1498-1768)*. Matoury, Ibis Rouge Éditions, 2011.

_____. *Un célèbre inconnu: le père Fauque, fondateur des missions oyapokoises (Guyane française)- XVIII^e siècle*, 2012. Disponível em: <http://cths.fr/ed/edition.php?id=5852>. Acesso em: 10 de jan. 2017.

WITTMANN, Luisa Tombini (org.) *Ensino (d)e História indígena*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015.

